

O Conhecimento de Plantas Medicinais em uma Comunidade Rural de Londrina, Paraná

Juliano van Melis¹ e Ana Odete Santos Viera²

Introdução

As plantas apresentam um papel relevante na diversidade biológica mundial e têm um enorme potencial na farmacopéia global, como na medicina chinesa e indiana, que se baseiam em cerca de 12.000 espécies [1].

Guerra & Nodari [2] já levantaram que o ritmo de extinção atual de plantas está entre 50 a 100 vezes maior do que as taxas médias observadas no passado. Outro fator preocupante é a chamada “*queima da biblioteca*”, que se refere à perda de conhecimento das populações associadas às florestas, que obtiveram conhecimento empírico do uso da biodiversidade acumulado por séculos. Balick [3] afirma que há, atualmente, influências dos meios de comunicação em massa no conhecimento tradicional. Este autor afirma também que a maioria dos trabalhos existentes constata a perda do conhecimento tradicional das comunidades sobre a flora convivente. Entretanto, Amorozo [4] colocam que quando comunidades tradicionais se tornam mais expostas à sociedade nacional, o número de espécies e o conhecimento acerca de seu uso podem sofrer inicialmente um acréscimo, devido às novas plantas apresentadas para ela. No mesmo trabalho, os autores concluíram que a diversidade das plantas utilizadas na farmacopéia da comunidade acaba se restringindo, com o passar do tempo, às espécies cultivadas e às invasoras cosmopolitas após esta exposição.

Os maiores responsáveis por essa diminuição da riqueza e diversidade de plantas usadas pela população seriam: a maior ação antrópica nos ambientes naturais, ocasionando a diminuição da disponibilidade dessas espécies no meio e as novas opções de tratamento de saúde, oferecidas pela sociedade externa à comunidade, o que provoca, principalmente nos mais jovens, uma desvalorização dos saberes tradicionais, reforçando a sua perda [3,4].

A etnobiologia enfoca o estudo das sociedades humanas, tanto as do presente como as do passado, e suas relações com a fauna e flora convivente [5]. Sendo assim, a etnobotânica estuda a relação destas sociedades com as plantas. Este ramo da ciência representa papel fundamental para a bioprospecção e conservação, tanto do conhecimento quanto da biodiversidade, além da permissão para análises de como uma comunidade se relaciona com o meio.

Os objetivos deste trabalho foram: inventariar as

plantas medicinais utilizadas pela população residente na fazenda Figueira-FEALQ/USP, localizada no Norte do Paraná, avaliar como o conhecimento sobre a utilização e reconhecimento delas está distribuído na comunidade e a importância das espécies vegetais dos remanescentes florestais para a comunidade quanto a utilização medicinal.

Material e métodos

A. Área de estudo

A Fazenda Figueira é de propriedade da Fundação de Estudos Agrários “Luiz de Queiroz” (FEALQ/USP) e sua principal atividade produtiva é a pecuária de corte. Está localizada no terceiro planalto paranaense, a 50 Km do centro de Londrina, pertencendo ao distrito Paiquerê e situada à margem do rio Tibagi. Apresenta 3670,29 ha de extensão, a maioria ocupada por pastagens e cerca de 1000 ha são constituídos por fragmentos de floresta estacional semidecídua, sendo que uma parte deles está incluída em uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN). Já foram registradas 200 espécies de árvores na fazenda [6].

B. Métodos

O comitê de Bioética da Universidade Estadual de Londrina aprovou a pesquisa em março de 2005. Utilizaram-se entrevistas semi-estruturadas com apresentação de termo de compromisso pesquisador-entrevistado.

Entrevistaram-se todas as pessoas residentes na fazenda Figueira e maiores que sete anos de idade. A população amostrada foi distribuída em 4 faixas etárias respeitando o histórico de colonização: “Idade escolar” (7 – 18 anos), “Jovens” (19 – 30 anos), “Adultos” (31– 45 anos) e “Adultos velhos” (mais de 45 anos de idade). Também foi perguntado sobre a naturalidade e a escolaridade. Quanto às gerações pertencentes, cada pessoa foi incluída em uma das três gerações determinadas: “Avós”, “Pais” e “Filhos”.

Foram investigadas quais eram as plantas usadas pela população e sua utilização. Quanto ao local de coleta foram distinguidos três locais: “*Horta*”, quando a espécie é cultivada pela população, “*Mato*”, quando a planta é coletada nos fragmentos florestais e “*Pasto*”, que são as espécies ruderais, nascendo de forma

1. Aluno de pós-graduação da Biologia Vegetal-Unicamp, Instituto de Biociências, Universidade Estadual de Campinas. R. Dr. Alfredo Antonio Martinelli, Cidade Universitária, Campinas, SP CEP 13830-330. E-mail: jvmelis@yahoo.com.br

2. Professora Adjunto do Departamento de Botânica, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Londrina, Cxp. 6001, Londrina, PR CEP 86051-970.

Apoio financeiro: UEL, FEALQ-USP, Prefeitura de Londrina-PR (Secretaria Municipal de Meio Ambiente).

espontânea nos locais de pastagem do gado. Foi coletado material botânico da maioria das espécies utilizadas para determinação científica em herbário, através de bibliografia [7,8,9].

Posteriormente às entrevistas semi-estruturadas, foram feitas entrevistas para calcular o grau de reconhecimento de plantas medicinais pelos moradores. A Metodologia empregada para este cálculo do grau de reconhecimento das espécies foi o de entrevistas/inventário [10]. Nesta etapa, foram apresentadas 52 exsiccatas de 46 plantas ruderais com potencial medicinal, segundo bibliografia consultada [7,8,9] e que eram encontradas na fazenda. Este material era previamente separado, onde ocorria uma única apresentação de todas as exsiccatas a cada indivíduo. O entrevistado apontava as espécies reconhecidas e, se possível, o seu uso. Só foi designada “citada” a planta que ao menos tinha o seu nome popular descrito. Para o cálculo da análise do reconhecimento geral das espécies de determinada classe de informantes (AC^x), usou-se os seguintes passos $AC^x = \sum Ci^x / \sum CT^x$ sendo Ci^x o número de citações para as plantas listadas, sendo x a classe a ser calculada (pode ser quanto a geração ou ao gênero) e CT^x o total estimado, se todas as pessoas de determinada classe citassem todas as plantas.

O valor AC^x varia entre 0 a 1, sendo possível transformá-lo em porcentagem (%AC).

Resultados e discussão

A. Comunidade

Entrevistaram-se 41 pessoas, sendo a população amostrada de 56% de homens e 44% de mulheres, com idade média de 33 anos e 14,6 anos de estabelecimento na fazenda. Entre as faixas etárias predominou a faixa “Adultos” com 33% seguida da de “Jovens” com 32%, 20% de “Adultos velhos” e 15% de pessoas com “idade escolar”. A maioria das pessoas foi incluída na categoria “Pais” (41%), seguida pela categoria “Filhos” (39%). A maioria (61%) é composta por pessoas que têm o ensino fundamental incompleto, sendo “Não escolarizado” (12%), “Ensino Fundamental Completo” (10%) e “Ensino Médio” (17%). A resposta sobre os locais de origem para a população, indicou que a maioria é proveniente das regiões Norte e Centro-Sul do estado do Paraná, além da região norte de Minas Gerais. As pessoas oriundas de outros municípios, que não a sede da fazenda, são em sua maioria as mais velhas.

B. Entrevistas semi-estruturadas

A população citou o uso de 81 espécies vegetais medicinais em 33 famílias botânicas de angiospermas [11] e uma de pteridófitas. Uma lista completa encontra-se com os autores. A maioria das espécies pertence às famílias Asteraceae (14 espécies) e Lamiaceae (11 espécies), sendo que 19 famílias tiveram somente uma espécie representada. Isso ocorre porque as comunidades tradicionais que tenham contatos externos tendem a ter um maior número de espécies utilizadas, [4,12]. Amorozo [4] e Begossi, Hanazaki & Tamashiro [12] estudaram ambientes com altos impactos sobre as

comunidades estudadas, que devido ao turismo e a proximidade de grandes centros urbanos, apontaram que o uso das espécies de plantas medicinais acabará se restringindo ao uso de espécies invasoras cosmopolitas e cultivadas.

Para a colônia residente na fazenda Figueira registrou-se a indicação pelos informantes de um maior número de espécies cultivadas e invasoras. As espécies de ambientes antrópicos foram as mais citadas, totalizando 80% das espécies (61% “horta”, 19% “pasto”) mostrando que apesar da presença dos fragmentos florestais na propriedade, a população não possui o costume de utilizá-los para a coleta de plantas medicinais.

Entretanto, algumas espécies nativas são apontadas pela população com um alto poder medicinal, como a casca da cuvitinga (*Solanum erianthum* D. Don) com potente ação cicatrizante e de combate à úlceras cutâneas, ou a casca-d’anta (*Rauwolfia sellowii* Müll. Arg.) que também é solicitada por pessoas externas à comunidade da fazenda, para o uso no combate de diarreias. Ressalta-se também a citação do uso da cabreúva (*Myrcarpus frondosus* M. Allemão), pois essa espécie teve, recentemente, o primeiro registro no município de Londrina [6,13], sendo também apontada pelo informante de que ela só era encontrada em determinado lugar (beira do rio Tibagi).

Dentre as espécies citadas, o hábito mais freqüente foi o herbáceo com 55 espécies (68% do total), seguidas pelas árvores (23 espécies e 28% do total) e somente 3 espécies trepadeiras e epífitas (4%). Porém se analisarmos a porcentagem das espécies oriundas do ambiente “mato” notamos que a maioria são as arbóreas (com 66,6% do total das espécies citadas para esse ambiente). No “pasto” o hábito herbáceo prevalece (88,3% do total).

As alterações de saúde tratadas com as plantas totalizaram 122 diferentes usos, para as 81 espécies, sendo mais mencionados os usos no tratamento de doenças relacionadas com o sistema respiratório e digestório, com 34 e 20 espécies distintas respectivamente. Para a função cicatrizante e para ação no sistema circulatório foram indicadas 14 espécies para cada uma.

C. Cálculo da análise do reconhecimento (%AC).

As exsiccatas foram citadas 409 vezes pelos entrevistados. Erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill) NE Brown) com 34 citações, serralha (*Emilia sonchifolia* (L.) DC.) com 30, carqueja (*Baccharis trimera* (Less) DC.) com 22 e arruda (*Ruta graveolens* L.) com 21 citações, foram as espécies mais citadas. Nota-se uma espécie arbórea das florestas do Paraná, a espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia* Mart. ex Reiss.) com 23 citações, entre as espécies mais conhecidas.

Os cálculos indicaram a prevalência do conhecimento nas classes mais velhas, da primeira geração (avós) e nas mulheres. O grau de escolaridade mostrou-se indiretamente proporcional ao conhecimento sobre o uso das plantas, pois a maior proporção (cerca de 36%) foi

relacionada entre as pessoas sem escolaridade.

As mulheres possuem maior reconhecimento sobre as plantas medicinais com 25% de %AC contra 15,05% dos homens. Isto deve ocorrer, provavelmente devido ao maior contato delas com as plantas apresentadas, em função das suas atividades cotidianas no trato da horta e cozinha, e na lida com as crianças.

O maior grau de reconhecimento entre os mais velhos (34,61% de reconhecimento das exsiccatas) e da primeira geração (31,49%) era esperado, pois como aponta Ballick [3], as atuais gerações vêm recebendo informações externas ao seu ambiente, através dos meios de comunicação, deixando de lado os aprendizados informais, feitos através dos pais e avós, apontando assim para uma erosão de conhecimento.

Conclusões

Observou-se neste trabalho que apesar da população da fazenda Figueira estar inserida em uma matriz de pastagens e fragmentos florestais, constatou-se que as espécies mais utilizadas pela comunidade são as cultivadas, sendo inócua a apropriação das espécies dos fragmentos florestais. A esse fato deve-se à dificuldade para encontrar determinada espécie nos fragmentos, à distância da colônia dos moradores aos fragmentos, às diferenças do tipo florestal dos locais de origem da população, mesmo com mais de uma década em média de estabelecimento dos indivíduos na fazenda, e à sobreposição dos usos das espécies cultivadas com as espécies nativas.

Dentre as espécies listadas, o uso já é registrado na literatura, apesar de algumas espécies nativas precisarem de maiores análises, como a cuvitinga (*S. erianthum*) e a cabreúva (*M. frondosus*).

Pode ser dito que a chamada “*queima de biblioteca*” ocorre nesta comunidade, devido ao acúmulo de conhecimento ao longo da vida das pessoas mais velhas e ao avanço da medicina alopática, que tem sua preferência graças à atual facilidade da colônia neste tipo de atendimento e remédios, quando freqüentam os postos de saúde do município de Londrina.

Uma indicação final seria a necessidade da valorização do conhecimento etnobotânico associado, pela geração mais velha, promovendo não só a conscientização sobre a importância da diversidade de plantas mas também sobre sua conservação, atendendo os subobjetivos da

Estratégia Global para a Conservação das Plantas [1].

Agradecimentos

Os autores agradecem principalmente aos moradores da Fazenda Figueira FEALQ/USP, à FEALQ pela permissão para o trabalho, à Prefeitura Municipal de Londrina pela bolsa concedida ao primeiro autor e à equipe do herbário FUEL pelo apoio no trabalho de identificação e material bibliográfico

Referências

- [1] SECRETARIA DA CONVENÇÃO SOBRE DIVERSIDADE BIOLÓGICA. 2006. Estratégia Global para a Conservação de plantas. Rede Brasileira de Jardins Botânicos, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, BGCI.
- [2] GUERRA, M.P. & NODARI, R.O. 2003. Biodiversidade: aspectos biológicos, geográficos, legais e éticos. In Simões *et al.* (ed.) *Farmacognosia – da Planta ao Medicamento*. 5ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, p.13-28
- [3] BALICK, M.J. 2005 [Online] *Traditional Knowledge: Lessons from the Past, Lessons for the Future*. Homepage: <http://law.wustl.edu/centeris/Confpapers/PDFWrdDoc/Balick>
- [4] AMOROZO, M.C.M. 2002. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Bot. Bras.*, 16(2) 189-203
- [5] ELISABETSKY, E. & COELHO DE SOUZA, G. 2003. Etnofarmacologia como ferramenta na busca de substâncias ativas. In Simões *et al.* (eds.) *Farmacognosia – da Planta ao Medicamento*. 5ª ed. Florianópolis: Ed. UFSC, p.107-122
- [6] LOVATO, M. 2003. Identificação das espécies arbóreas da Fazenda Figueira (Londrina, Paraná). Monografia de Bacharelado, curso de graduação em Ciências Biológicas. Univ.Est. de Londrina, Londrina. 2003.
- [7] MORGAN, R. 1979. *Enciclopédia das Ervas e Plantas Medicinais – doenças, aplicações, descrição, propriedades*. São Paulo, Ed. Hemus.555p.
- [8] LORENZI, H. & MATOS F.J.A. 2002. *Plantas Medicinais no Brasil – Nativas e Exóticas*. Nova Odessa, Inst. Plantarum. 484p.
- [9] DI STASI, L.C. & HIRUMA-LIMA, C.A. 2002. *Plantas Medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica*. São Paulo, Ed. Unesp. 604p.
- [10] ALBUQUERQUE, U.P. & LUCENA, R.F.P. 2004. *Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica*. Recife. Ed. NUPEEA/Livro Rápido. 184p.
- [11] CRONQUIST, A. 1988. *The Evolution and Classification of Flowering Plants*. New York. The N. Y. Bot. Garden. 555p.
- [12] BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N. & TAMASHIRO, J.Y. 2002. Medicinal Plants in the Atlantic Forest (Brazil): Knowledge, Use, and Conservation. *Human Ecology* 30 (3): 281-300.
- [13] ESTEVAN, D.A. 2003. As espécies arbóreas e a sua estrutura em fragmento florestal da Fazenda Figueira Londrina – Paraná. Monografia de Bacharelado, curso de Ciências Biológicas. Univ. Est. de Londrina, Londrina.